

## A LITERATURA MEDIEVAL GALEGO-PORTUGUESA: o início de uma língua literária em Portugal e na Galícia

LARISSA ANDRADE SAID<sup>1</sup>

A literatura escrita sempre foi marco importante na história das línguas, em especial para efeitos de registro. Dessa forma, o trovadorismo foi um movimento marcante tanto para o Galego quanto para o Português, a partir do momento em que ajudou as duas línguas a se estabelecerem. Assim sendo, é importante destacar questões dos gêneros do trovadorismo, bem como traços morfológicos e gráficos que marcaram essa escola literária.

Presente nos séculos XIII e XIV, quando os dois idiomas ainda não haviam se estabelecido como línguas separadamente, o trovadorismo galego-português tem seu início com a *Notícia do Torto* (1214-1216) e com o *Testamento de D. Afonso II* (1214), os dois textos mais antigos registrados. Essa fase literária se dividiu majoritariamente em poesia profana e poesia religiosa. Entre aquelas chamadas de poesia profana estão os textos mais famosos do trovadorismo, as cantigas de amor, de amigo e de escárnio e mal-dizer.

Primeiramente, as cantigas de amor abordavam o sofrimento amoroso do eu-lírico masculino. O objeto de seu amor sempre foi uma dama inalcançável, seja porque ela já era casada ou porque sua classe social era diferente daquela do eu-lírico. O objetivo não era retratar o amor romântico entre dois indivíduos, mas sim o sofrimento e a dor de não poder consumir o seu amor. A título de exemplificação, a cantiga *Eia, senhor, aque-vos mim aqui!*, de João Mendes de Briteiros, é uma cantiga de amor:

Eia, senhor, aque-vos mim aqui!  
Que coita houvestes, ora, d'enviar  
por mim? Nom foi senom por me matar,  
pois todo meu mal teedes por bem:  
por en, senhor, mais val d'eu ir daquém  
ca d'eu ficar, sem vosso bem fazer,  
  
de mais haver esses olhos veer  
e desejar o vosso bem, senhor,

---

<sup>1</sup> Tradutora, revisora e redatora. Contato: [larissacorretora@gmail.com](mailto:larissacorretora@gmail.com) / +55 31 9 9321 6342

de que eu sempre foi desejador;  
e meus desejos e meu coração  
nunca de vós houveram se mal nom;  
e, por est', é melhor de m'ir, par Deus,

u eu nom possa poer estes meus  
olhos nos vossos, de que tanto mal  
me vem, senhor; e gram coita mortal  
me vós destes eno coração meu;  
e, mia senhor, pero que m'é mui greu,  
nulh'home nunca mi o [e]strañará.

E, pois m'eu for, mia senhor, que será?  
Pois mi assi faz o voss'amor ir já,  
como vai cervo lançad'a fugir.

Em seguida, as cantigas de amigo tinham como eu-lírico a figura feminina, a amiga. Em contrapartida às cantigas de amor, as de amigo tinham foco em romances alcançáveis, que poderiam ser interrompidos pela partida do amado para as batalhas, por exemplo. Outros temas presentes nas canções eram os enganos, a natureza, os encontros com o amigo etc. A cantiga *El-rei de Portugale*, de João Zorro, é um exemplo:

El-rei de Portugale  
barcas mandou lavrare,  
e lá irá nas barcas sigo,  
mia filha, o voss'amigo.

El-rei portuguese  
barcas mandou fazere,  
e lá irá nas barcas sigo,  
mia filha, o voss'amigo.

Barcas mandou lavrare  
e no mar as deitare,  
e lá irá nas barcas sigo,  
mia filha, o voss'amigo.

Barcas mandou fazere  
e no mar as metere,  
e lá irá nas barcas sigo,  
mia filha, o voss'amigo.

Já as cantigas de escárnio e mal-dizer tinham como tema críticas sociopolíticas ou zombarias de pessoas. Um exemplo é *A Cantiga de Escárnio*, de Joam Soares de Paiva:

Ora faz host'o senhor de Navarra,  
pois em Proenç'est el-rei d'Aragom;  
nom lh'ham medo de pico nem de marra  
Tarraçona, pero vezinhos som,  
nem ham medo de lhis poer boçom  
e riir-s'-am muit'em dura edarra;  
mais se Deus traj'o senhor de Monçon,  
bem mi cuid'eu que a cunca lhis varra.

Se lh'o bom rei varrê'la escudela  
que de Pamplona oístes nomear,  
mal ficará aquest'outr'em Todela,  
que al nom há [a] que olhos alçar:  
ca verrá i o bom rei sejournar  
e destruir até burgo d'Estela,  
e veredes Navarros lazerar  
e o senhor que os todos caudela.

Quand'el-rei sal de Todela, estrêa

ele sa host'e tod'o seu poder;  
bem sofrem i de trabalh'e de pãa,  
ca vam a furt'e tornam-s'em correr;  
guarda-s'el-rei, com'é de bom saber,  
que o nom filhe luz em terra alhãa,  
e onde sal, i s'ar torn'a jazer  
ao jantar ou se nom aa cãa.

Por último, a poesia religiosa abordava temas ligados ao cristianismo. As cantigas mais famosas são as *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o sábio, que reúnem por volta de 420 cantigas. A seguir, um excerto da cantiga número 26, *Non é gran cousa se sabe bon joízo dar*:

Non é gran cousa se sabe | bon joízo dar  
a Madre do que o mundo | tod' há de joïgar.

Mui gran razôn é que sábia dereito  
quen Déus troux' en séu córp' e de séu peito  
mamentou, e del despeito  
nunca foi fillar;  
porên de sen me sospeito  
que a quis avondar.  
Non é gran cousa se sabe | bon joízo dar...

Sobr' esto, se m' oíssedes, diría  
dun joízo que déu Santa María  
por un que cad' ano ía,  
com' oí contar,  
a San Jam' en romaría,  
porque se foi matar.  
Non é gran cousa se sabe | bon joízo dar...

Este roméu con bõa voontade

ía a Santiago de verdade;  
pero desto fez maldade  
que ant' albergar  
foi con mollér sen bondade,  
sen con ela casar.

Assim, é possível destacar certos aspectos morfológicos pertencentes à literatura galego-portuguesa. Como o artigo definido “el”, um alomorfe do artigo definido masculino singular “o”, usado somente para determinar o substantivo “rei” (SILVA, 1989). Esse alomorfe pode ser encontrado, por exemplo, n’A *Cantiga de Escárnio*, de Joam Soares de Paiva: “el-Rei d’Aragon”, e na cantiga de amigo, *El-rei de Portugale*, de João Zorro: “El-rei de Portugale”.

Além disso, no que diz respeito à grafia, é possível observar a grafia diferenciada em “estrêa”, “pêa”, “alhêa” e “cêa”, n’A *Cantiga de Escárnio*, de Joam Soares de Paiva. Essas formas de escrita “decorrem do desaparecimento de uma consoante não nasal” (SILVA, 1989, p. 83) e podem vir acrescidos de um til (~).

Por fim, há diferença na grafia de sequências nasalizadas em final de vocábulo, como “gran”, “bon”, “razon” e “dun”, nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X. Um traço comum também observado n’A *Cantiga de Escárnio*, de Joam Soares de Paiva, por exemplo, em “non lh’an medo”. Além de também estar presente na cantiga *Eia, senhor, aque-vos mim aqui!*, de João Mendes de Briteiros, no trecho “e meus desejos e meu coração / nunca de vós houveram se mal nom”.

Em suma, o trovadorismo foi marco importante para definir o galego-português como língua literária. Em especial, as *Cantigas de Santa Maria* são estudadas até hoje como registro histórico.

## REFERÊNCIAS

AFONSO X, o sábio. *Cantigas de Santa Maria*. Cantiga 26: Non é gran cousa se sabe bon jóizo dar. **Cantigas de Santa Maria for Singers**. Disponível em: <<http://www.cantigasdesantamaria.com/csm/26>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BRITEIROS, João Mendes de. *Eia, senhor, aque-vos mim aqui!*. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. Disponível em: <<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=870&pv=sim>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

PAIVA, Joam Soares de. A Cantiga de Escárnio. **Cantigas Medievais Galego-Portugesas**. Disponível em: <<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1361&pv=sim>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SILVA, Rosa Virginia Mattos E. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989. 870 p.

ZORRO, João. El-rei de Portugale. **Cantigas Medievais Galego-Portugesas**. Disponível em: <<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1178&pv=sim>>. Acesso em: 28 jun. 2023.